

RESUMO DE TESES E DISSERTAÇÕES

LIER-DE-VITO, Maria Francisca A. F. (1994) *Os monólogos da criança: "delírios da língua"*. Tese de doutorado¹⁹⁾

São os monólogos da criança que estão em foco nesta tese.

Esse acontecimento lingüístico ganha dignidade de tema na Psicologia do Desenvolvimento com Piaget em seu livro de 1923, **A Linguagem e o Pensamento da Criança**, sob o título de "fala egocêntrica". A ela é atribuído o estatuto de "elo genético", índice de uma longa transição entre o que o autor designou de "pensamento autístico", o mais primitivo e o "pensamento socializado", aquele característico do adulto. A expressão "egocentrismo" tem suas raízes na convicção de Piaget relativamente à condição inicial da criança que, para ele, é de contração ou "manque de décentration". Trata-se de contração na perspectiva do próprio sujeito. Para Piaget, o egocentrismo caracteriza o pensamento da criança. Daí sua fala ser também "egocêntrica".

Em **A Formação do Símbolo na Criança**, de 1946, Piaget apenas tangencia a "fala egocêntrica". A linguagem ali é deslocada da posição de índice do desenvolvimento da criança para a de um dos

¹⁹⁾Tese apresentada ao Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências. Orientadora: Cláudia Thereza Guimarães de Lemos.

reflexos de um processo central mais profundo, dirigido por um regulador interno. A estruturação cognitiva passará a ser inferida a partir de "jogos". O desprestígio da "fala egocêntrica" no livro de 1946 tem raízes no desinteresse de Piaget pela linguagem. É ele quem diz, em 1973, ter deixado de acreditar nas relações estreitas entre a linguagem e o pensamento. Dessa crença resulta o afastamento da linguagem (e da "fala egocêntrica") para as margens de sua reflexão até a total exclusão de considerações sobre ela nos trabalhos posteriores aos dois discutidos por mim.

Vygotsky, outro psicólogo voltado para o desenvolvimento da criança põe a "fala egocêntrica" em destaque. Ela terá uma dupla importância para ele. (1) Uma empírica, já que é instituída como material factual de análise. Nessas produções da criança ele depreende características que propõem serem as mesmas da "fala interna". (2) Outra é de natureza teórica, já que Vygotsky entende ser a "fala egocêntrica" o lugar de constituição da unidade dialética, lugar de imbricação da linguagem e da ação - acontecimento responsável pela criação de um outro plano: o cognitivo interno. Entretanto, embora Vygotsky tenha almejado oferecer uma proposta radicalmente diferente da de Piaget, ao manter inquestionada a expressão "egocêntrica" em sua obra, ele Não pôde promover a revolução anunciada porque nela se mantém a noção do projeto piagetiano, que é a de centralização. Procurei mostrar os problemas incontornáveis, a meu ver, que a "fala egocêntrica" introduz na obra de Vygotsky. Embora

alçada para uma posição de destaque, ela não frutifica mas complica a argumentação do autor.

Na área de Aquisição de Linguagem, os monólogos têm uma presença sintomática porque descontínua e irregular. Ruth Weir os coloca em pauta mas eles serão esquecidos até o final dos anos oitenta, quando Nelson e Gerhardt voltam suas atenções para o "discurso". Nelson desvia o foco para a questão da extensão das produções da criança e entende serem os monólogos projeções de episódios rotineiros seqüenciados na memória como "scripts". Gerhardt chega até Foucault mas faz uma interpretação pragmática do que lê e os monólogos se prestarão à investigação de "formas no discurso". Ao longo desses quase trinta anos Weir será citada e uma parte de seus "achados" - as "language practice" - tomados como "evidências empíricas" em favor do argumento de que estruturas e mecanismos lingüísticos começam a se tornar acessíveis à criança. Se a questão é essa, perde-se de vista a integridade dos monólogos porque entra em cena a sentença.

Em face desse quadro, procurei localizar o porquê dessa presença sintomática e oferecer uma interpretação alternativa dos monólogos. A primeira questão que coloco deriva de uma indagação de George Miller no prefácio do livro de Ruth Weir: "por que não se ouviu mais sobre os monólogos?", pergunta ele? Eu diria que porque o diálogo não se constitui em indagação para os pesquisadores. Sintoma disso são as exclusões sistemáticas de imitações ou "citações" da fala do outro do conjunto das produções assumidas como analisáveis.

O segundo problema que levanto diz respeito ao procedimento de aplicação de um instrumental descritivo da Lingüística que tem a sentença como unidade analisável. Os pesquisadores procuram encontrar nos "dados" apenas evidências de uma estruturação sequencial progressiva e perdem de vista, assim, a especificidade do material empírico em questão. Decorre disso que "discurso" é unidade definida pelo critério de extensão: é unidade maior, composta por uma sucessão de sentenças que expressam conteúdos cognitivos.

O terceiro ponto que problematizo, qual seja, o da concepção de sujeito que se inscreve nos estudos sobre os monólogos. Neles reina o sujeito psicológico, aquele que "começa a saber sobre" a linguagem, que começa a se constituir em senhor do seu desenvolvimento.

A interpretação que ofereço dos monólogos me afasta tanto dos ideais de linearidade e de literalidade da Lingüística tradicional (e da sentença como unidade de análise) quanto de uma concepção psicológica de sujeito. Os monólogos mostram um sujeito dividido em cuja voz circulam dizeres outros. Mostram, enfim, um sujeito capturado por um funcionamento lingüístico-discursivo, como diz Cláudia Lemos. Os monólogos são textos não lineares e sem clareza. Concluo, desse estado de coisas, que essas produções singulares das crianças deixam ver sua determinação dialógica e discursiva.

CALIL, Eduardo. (1995) *Autoria - (e)feitos de relações inconclusas*. Um estudo de práticas de textualização na escola. Tese de doutorado²⁰.

O presente trabalho se propõe a refletir sobre o lugar de autor no processo de aquisição de linguagem escrita, dentro de uma perspectiva não subjetiva do sujeito.

Esta discussão foi realizada a partir de dados coletados em situações escolares, registradas em vídeo, nas quais duas crianças, de aproximadamente 6 anos, escreviam conjuntamente "histórias inventadas" a pedido da professora.

A análise deste material parte do pressuposto de que há um movimento de mútua constituição na relação criança/linguagem (escrita). Desta forma, procurou-se olhar para este processo através de lugares que pudessem indiciar este movimento, abandonando-se a idéia de que tal relação possa se dar a partir de categorias da língua constituída.

O primeiro ponto a ser discutido procurou mostrar que o processo de produção de texto deve considerar tanto as direções do sujeito sobre o texto, quanto os efeitos do escrito (dito) sobre o próprio sujeito, estabelecendo diferentes posições discursivas e indicando a impossibilidade de se prever de antemão os caminhos daquilo que se vai escrever. Estas movimentações são marcadas por

²⁰ Tese apresentada ao Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências. Orientadora: Cláudia Thereza Guimarães de Lemos.

tensões entre sujeito/sentido que colocam em xeque a idéia de linearidade, homogeneidade que o texto final produz.

Outro lugar que permitiu dar uma certa visibilidade para a relação criança/linguagem (escrita) e refletir sobre a noção de autor aqui em jogo foi as rasuras (orais e escritas) deixadas neste processo de produção.

A análise destas marcas apontou para dois modos de funcionamento da linguagem que afetam o sujeito na sua relação com o texto. Por um lado, as posições discursivas relacionadas ao discurso pedagógico em torno do “aprendizado” da escrita. Por outro, o movimento de deslocamento do sentido produzido através do equívoco constitutivo da língua. O processo de ressignificação está relacionado a este movimento, na medida em que garante uma certa fixação destes deslocamentos.

A reflexão em torno da noção de autor prossegue através dos processos metafóricos e metonímico que regem o funcionamento da linguagem. Esta discussão permitiu estabelecer algumas relações entre o sujeito e o modo como se engancha em determinados textos (marcados pela historicidade) que acabam produzindo efeitos que exigem interpretação.

Estes três lugares de reflexão sugerem que a posição de autor está relacionada ao movimento inconcluso que caracteriza o funcionamento da linguagem. Os pontos de ancoramento decorrentes deste processo indicam a necessidade de se ir em direção a algo que possa ajudar a entender melhor o que os produzem.

MOTA, Sônia Borges Vieira da. (1995). *O quebra-cabeça - a instância da letra na aquisição da escrita*. Tese de doutorado²¹.

O presente trabalho propõe-se a refletir sobre a alfabetização a partir da discussão sobre as relações entre oralidade/escrita/língua. Escrita e oralidade são aqui consideradas como formas de linguagem que, embora “diferindo”, são mutuamente constitutivas pela via dos processos metafóricos e metonímicos, ou seja pelo/no funcionamento da linguagem. Assim nos posicionando, contrapomo-nos à visão predominante na área que atribui à escrita o estatuto de representação da linguagem oral.

A discussão que desenvolvemos parte da descrição de dados coletados em uma experiência alternativa de alfabetização. Está aliçada em autores cujo pensamento se liga ao estruturalismo linguístico, tal como ressignificado pela Psicanálise de linha francesa, particularmente por Lacan. Inspirados no trabalho de Cláudia Lemos – no campo da aquisição da linguagem – recorreremos, de modo especial, às noções de significante, metáfora e metonímia. Esse quadro teórico permitiu-nos reconhecer nas produções das crianças – mesmo nas formas gráficas indeterminadas e heterogêneas de sua escrita inicial – um papel efetivo para o Outro. O Outro é por nós considerado, também a partir do trabalho de Lemos, como um

²¹ Tese apresentada ao Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências. Orientadora: Cláudia Thereza Guimarães de Lemos.

“funcionamento lingüístico discursivo” que, na sala de aula, é representado pelos discursos e textos que ali circulam. (p. viii)

SANTOS. Damião Augusto de Farias. (1996) *Diálogo em sala de aula? Um esboço de análise lingüístico discursivo da relação professor-aluno.* Dissertação de mestrado²²

O trabalho tem como objetivo, através de uma abordagem lingüístico-discursiva, analisar a relação dialógica entre professor e aluno num contexto específico de sala da aula, a partir de uma aula de leitura.

Os dados para análise foram coletados numa turma de 2ª série do 2º grau do curso profissionalizante de Edificações na Escola Técnica Federal de Alagoas, em Maceió.

Em princípio, pelos procedimentos didático-pedagógicos da professora, apresentamos, com base em Luckesi (1994) e Saviani (1993), os pressupostos teóricos da tendência e/ou pedagogia tradicional como um lugar teórico de concepção de aula subjacente à prática pedagógica da professora observada.

Logo em seguida, mostramos, através de Ehlich (1986) e Gabiani (1991), o funcionamento do esquema problema e solução, com base na tríade pergunta-resposta-avaliação como uma espécie de "diálogo" de instrução para a sala de aula que parece ser compatível com os pressupostos teóricos da tendência e/ou pedagogia tradicional.

A partir da análise dos dados, pelas descontinuidades e deslocamentos de sentido observados na relação dialógica entre a

²²Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras. Orientadora: Marisa Bernardes Pereira.

professora e os alunos, através de um jogo de palavras e de um duplo sentido dos efeitos discursivos, passamos a rever e interrogar aquelas abordagens teóricas naquilo que elas contemplam uma perspectiva subjetiva do sujeito, no sentido de que as atividades no evento em análise são mediadas por estruturas como as de uma ordem mental que pressupõe um sujeito pleno e capaz de controlar aquilo que faz e/ou diz.

Com efeito, passamos a analisar a relação dialógica entre a professora e os alunos, no sentido de dar conta de alguma coisa em constituição de um sujeito da linguagem na sua relação com processos sócio-históricos de produção de sentidos, a partir dos quais, pelos seus próprios lugares de significação, este sujeito significa o mundo, a linguagem e a si próprio.

Por este viés, agora, dentro de uma perspectiva não-subjetiva do sujeito como um lugar de análise em que se mostra a relação de sujeitos com a linguagem e reconhecendo nesta relação um lugar do equívoco, do inesperado, do múltiplo, do diferente ..., buscamos apoio nas reflexões teóricas de de Lemos (1982; 1986; 1992a; 1992b; 1995a; 1995b; 1995c), da área de Aquisição de Linguagem, como também nas reflexões teóricas de Orlandi (1982; 1987a; 1987b; 1987c; 1988a; 1988b; 1991), neste caso da área da Análise do Discurso de linha francesa, além da utilização de outros autores não menos importantes que mantêm uma relação de estudo com esta perspectiva não-subjetiva do sujeito.

A análise dos dados nos mostra que as descontinuidades e deslocamentos de sentido presentes na relação dialógica entre a professora e os alunos parecem revelar a emergência de um sujeito que vem romper com uma certa previsibilidade, transparência, estabilidade e linearidade de um planejamento da professora, bem como com uma ordem pergunta-resposta-avaliação de um esquema problema e solução.